

SERMÃO 13

NOTAS INTRODUTÓRIAS

Chegamos a um ponto da teologia de Wesley que reclama rigoroso e acento exame, a fim de evitarmos cair em erro. Se nos enganarmos num ponto, necessariamente depreciaremos a obra da regeneração, ou novo nascimento. Se pendermos para o outro extremo, exaltaremos essa obra de regeneração acima de seu caráter real – e cairemos no erro dos Morávios que seguiam o Conde Zinzendorf. O perfeccionismo, que amesquinha o novo nascimento, pondo-o apenas acima da verdadeira convicção e arrependimento, - é o primeiro perigo; confundir a regeneração com a santificação, é o segundo. Os conceitos de Wesley foram largamente modelados pela sua própria experiência.

Difícilmente se pode duvidar de que a Providência de Deus permita que alguns de seus mestres escolhidos passem por extraordinárias provas de fé, a fim de que possam aperfeiçoar suas concepções da doutrina cristã. Após longo período de intensa e profunda pesquisa, Wesley encontra a paz, crendo, a 24 de maio de 1738 teve então, segundo seu próprio diário, um claro testemunho do Espírito de Deus, testificando com seu próprio espírito que era filho de Deus, tendo Cristo morrido por ele. Por algumas semanas Wesley teve vitória sobre o pecado e sua alma encheu-se de alegria. Alguma dúvida que veio a seu espírito foi prontamente dominada pela oração e pelo exame das Escrituras.

Poucos meses eram decorridos – e encontramos Wesley escrevendo a seu irmão Samuel estas palavras: “Certa medida desta fé, que traz salvação ou vitória sobre o pecado e que implica em paz e confiança em Deus mediante Cristo, eu agora a experimento por sua livre misericórdia, embora ela não seja em mim, de fato, senão como um grão de mostarda. Porque o $\delta\epsilon\chi\eta\iota\sigma\mu\sigma\iota\varsigma$ $\delta\iota\omicron\delta\alpha\upsilon\delta$ – o selo do Espírito, o amor de Deus derramado em meu coração e produzindo alegria no Espírito Santo, alegria que ninguém pode tirar, alegria indizível e cheia de glória – este testemunho do Espírito eu não possuo ainda, mas por ele espero pacientemente. Conheço muitos que antes o receberam; e tendo visto e inquirido uma nuvem de testemunhas, dentro e fora de meu país, não posso duvidar de que os crentes que esperam e oram por ele terão as Escrituras cumpridas em si mesmos. Minha esperança é que elas se cumprirão em mim. Construo sobre Cristo, a Rocha dos Séculos”.

Ainda mais tarde – janeiro de 1739 – em palavras ainda mais fortes, ele repete o que dói dito acima, concluindo o extraordinário relato em estas linhas: “Daqui conluo que, embora eu tenha dado e feito das todos os meus bens para sustento dos pobres, não sou cristão. Embora tenha suportado sofrimentos, embora tenha em todas as coisas negado a mim mesmo e tomado minha cruz, não sou cristão. Minhas obras não são nada; meus sofrimentos nada são; não tenho os frutos do Espírito de Cristo. Embora tenha, por vinte anos, usado todos os meios de graça, não sou cristão”.

Quando recordamos que estas palavras foram escritas aproximadamente dez meses após sua conversão, não podemos admirar-nos de que elas tenham tão grandemente embaraçado os biógrafos de Wesley. A maior parte dos escritores passam por alto sobre essa fase da carreira de João Wesley; e o biógrafo que apresenta os fatos com maior abundância de detalhes, não tenta sequer explaná-los. Não obstante, devemos considerar esta feição de sua primitiva experiência cristã e compreendê-la, se pudermos. Fazendo isto, sigamos seu exemplo, pesquisando a verdade, seja onde for que ela nos possa levar.

Se examinarmos detidamente seu jornal e a narrativa de sua experiência, que ele faz freqüentemente mais tarde, verificaremos que Wesley tinha o hábito de aprofundar-se num exame de consciência significativo de um espírito que não podia satisfazer-se com qualquer coisa desprovida de certeza moral. Esse diário, quase horário processo de exame íntimo, ele o registrava em suas notas, refletindo estas, natural e necessariamente, as mudanças de modos e variedades de pensamento que ia experimentando o teólogo. Esse rigoroso criticismo não poupava coisa alguma que lhe passasse através da mente. Uma das conseqüências disto era estar ele exposto ao perigo de confundir a tentação com o pecado atual. Nessas condições ele achou em si mesmo ocasiões, senão causas, de tentação; e era natural que sua consciência sensível ultrapassasse a linha fronteira, condenando-se a si mesmos por erros e omissões que, mais tarde, o pregador declarava serem “impropriamente chamados” pecados de fraqueza.

As primeiras dúvidas e apreensões levaram-no a seguir para a Alemanha, com o objetivo de aproveitar-se da madura experiência dos Morávios, em Herrnhut. As primeiras impressões recebidas tenderam para confirmá-lo na baixa estima em que tinha a obra do Espírito em sua própria alma. Confrontando os resultados do exame de si mesmos com a linguagem ardente e as profissões dos Morávios, era quase inevitável que pronunciasse severo juízo contra sua alma, por não poder usar da verbosidade confiante ou da retórica florida de ensinadores que conheciam pouco as Escrituras e menos ainda a natureza humana. Não podemos esconder nossos sentimentos de simpatia, e algumas vezes de piedade, por Wesley, quando o encontramos nas teias desses irmãos errantes; mas sua singeleza de coração e conhecimento das Escrituras o salvaram. Simples como era, havia tantas deficiências manifestas, para não usar de palavra mais forte, na vida de Herrnhut, que ele teve de firmar-se na Bíblia e na sua própria alma, para resolver o problema dentro de sua experiência pessoal.

Ele achou a solução, e o sermão que ora estudamos foi a saída do conflito em que se empenhara contra os erros de Zinzendorf. Wesley não somente viu o caráter antibíblico do dogma principal, mas a tendência da teologia de Zinzendorf, que se orientava rumo ao Antinomianismo do gênero mais desabrido. Em primeiro lugar, os Morávios ensinavam que na fé não há graus; que nenhum homem tem qualquer espécie de fé até que se faça nova criatura em Cristo Jesus. Em seguida, Zinzendorf ensinava que toda nossa perfeição estava em Cristo, e que a justiça perfeita, ou santidade de Cristo, nos era imputada; finalmente, que no momento em que o homem fosse justificado, era santificado, e desde esse momento até a morte não havia crescimento em santidade.

Quando Wesley emergiu do mar de dúvidas, dificuldades e sobressaltos em que o envolvera seu comunhão com os germânicos, viu a plena verdade do Evangelho e proclamou-a com imperturbável afincamento. Embora a alma inicie uma nova vida à hora da conversão, ainda permanece não só a capacidade de pecado, mas a tendência para ele. O velho Adão, do pecado ativo, de resistência de Deus e de antagonismo com a santidade, foi-se – sepultado em Cristo pela graça regeneradora do Espírito Santo. Mas a queda adâmica é mais do que a diretriz da vida, e o novo nascimento é mais do que a mudança de uma série de motivos para outra série. Depois de termos passado da morte para a vida, somos cômicos de que permanece uma natureza moral enferma, cujos aliados são a carne e o sangue; e, embora estes sejam conquistados, não são aniquilados pela mudança que nos transforma em filhos de Deus. Que essa natureza moral – que ele algumas vezes chama de “pecado inato”, “pecado interno”, e por outros é chamada “depravação”, - seja inteiramente dominada e exterminada até o último ato, na final redenção da humanidade, é uma questão a ser discutida, em algumas de suas fases posteriormente.

Não parece ter sido necessário, segundo os conselhos da Providência, que Wesley tivesse tido o conhecimento experimental daquele estado de mente, que induzira alguns ao desespero e levara outros a falsas concepções do Evangelho? Poderia ele ter-nos dado um tão fiel retrato de nossa natureza moral, sem ter passado aquelas experiências que inspiraram as palavras sombrias e hesitantes que tiramos de seu diário e de suas cartas?

Que é mais natural do que situar, por irresistível tendência, o pecado na carne deste corpo mortal, quando uma alma convertida encontra-se em meio da tentação e incitamentos ao pecado? A mente sagaz de Wesley analisava sua própria experiência e, não se julgando atualmente livre da peleja entre o bem e o mal, buscava as Escrituras e era por elas conduzido às coisas profundas de Deus. As aspirações de sua alma à vida mais elevada se acentuavam, mercê das dúvidas em que havia caído; e quando uma vez mais se abandonou à misericórdia de Deus em Jesus Cristo, o Espírito de poder, de amor e de uma consciência sem mancha se manifestaram a ele, e uma vez mais se revestiu do espírito de regozijo, tendo a paz que o mundo não pode dar, nem tirar. Assim, muito cedo ainda em sua carreira, a questão se decidia – e decidia-se para sempre. Guardando-se da presunção que se satisfaz com a obra já feita, Wesley viu a necessidade de constante vigilância, paciência e fé no sangue propiciador de Cristo.

Por isso muitas almas tímidas e hesitantes tem sido grandemente confortadas, e o exemplo de um homem cujo zelo e trabalhos o aproximam do tipo apostólico, infundirá coragem ao espírito abatido. O Evangelho possui um bálsamo para cada ferida e uma promessa para cada alma que esteja lutando por fugir às contaminações do mundo, para que possa o crente entrar no repouso que ainda resta ao povo de Deus.

ESBOÇO DO SERMÃO 13

I. Permanece, então, o pecado no crente? Uma questão importante, a que os antigos cristãos, a Igreja da Inglaterra, as Igrejas Grega e Romana e todas as Igrejas Reformadas deram substancialmente uma só resposta. Somente os Morávios afirmam que o pecado não mais permanece no crente e que, se permanece, é na carne e no coração.

II. As pessoas descritas são chamadas regeneradas, justificadas ou crentes, denotando isto a mudança atual, mudança relativa, ou os mais pelos quais tal mudança se efetua. Este estado é grande e glorioso, incluindo regeneração, filiação divina, revestimento do Espírito, graça santificadora e poder sobre o pecado.

III. Mas isso não inclui libertação de todo pecado, como se deduz:

1. Das Escrituras: Gl 5.17; 1Co 1.2, comparado com cap. 3.1-3; Ap 2.2,3,4,13 e 16 e 3.2, etc.; 2Co 8.1.
2. Da experiência cristã.
3. Do testemunho universal da Igreja.

IV. Resposta aos opositores. Todos os argumentos fundados na absoluta interpretação dos termos da Escritura. A falácia de argüir do *particular* para o *geral*.

V. Sumário da doutrina de Wesley.

Há, mesmo no justificado, dois princípios contrários: natureza e graça. As crianças em Cristo são santificadas, mas somente em parte. São espirituais, mas também carnis, em certa extensão. Daí o necessitarem delas de velar contra a carne. A doutrina em contrário é nova e perigosa.

SERMÃO 13	
SOBRE O PECADO NOS CRENTES	
<i>“Se alguém está em Cristo, é uma nova criatura”.</i>	
(2Coríntios 5.17)	
1. HÁ, porventura, pecado naquele que está em Cristo? Permanece o pecado no que crê em Cristo? Subsiste qualquer pecado nos que foram nascidos de Deus, ou estão inteiramente libertados do pecado? Que ninguém julgue seja isto assunto de mera curiosidade, ou que seja de pequena importância responder-se de uma ou de outra forma. Ao contrário, esta questão é da maior importância para todo cristão honesto, e sua solução interessa mui de perto à felicidade presente e à felicidade eterna.	
2. Não se sabe de controvérsia que sobre isto se houvesse levantado na Igreja primitiva. Na verdade, não havia lugar para disputa acerca desse assunto, visto constituir matéria sobre a qual todos estavam concordes. Na medida de minha constante observação, todas as comunidades de cristãos antigos, que algo nos deixaram escrito, declaram a uma voz que, mesmo os crentes em Cristo, mesmo os que são “fortes no Senhor e na força do seu poder”, tem necessidade de “lutar contra a carne e o sangue”, contra uma natureza depravada, assim como contra “principados e potestades”.	
3. E nisto Igreja (como, na verdade, acontece em muitos pontos), segue exatamente a primitiva, declarando em seu Artigo Nono: — “O pecado original é a corrupção da natureza de todo homem, pela qual esta é por sua própria natureza inclinado para o mal, de modo que a carne cobiça contra o Espírito. Esta infecção da natureza permanece mesmo naqueles que são regenerados, visto que a cobiça da carne, chamada em grego ὀφειλίσις ὁφειλίσις, não está sujeita à lei de Deus. E embora não haja condenação para os que crêem, essa cobiça participa da natureza do pecado”.	

<p>4. O mesmo testemunho dão todas as outras Igrejas, — não só a grega e a romana, mas todas as comunidades reformadas da Europa, de não importa que denominação. Algumas, na verdade, parece terem levado a questão demasiadamente longe, apresentando a corrupção do coração, mesmo no crente, de intensidade tal, que ele se mostra incapaz de a dominar, sendo, ao revés, escravo dela; e, nesse sentido, não estabelecem sensível diferença entre o crente e o incrédulo.</p>	
<p>5. Para fugir a esse extremo, muitos homens bem intencionados, principalmente os que seguiram a orientação do finado Conde Zinzendorf, correram para o lado oposto, afirmando que “todos os verdadeiros crentes são não somente salvos do <i>domínio</i> do pecado, mas do pecado interno e externo, de modo que o pecado não mais permanece neles”. Dos seguidores de Zinzendorf, nestes vinte anos, muitos de nossos compatriotas herdaram a mesma opinião, afirmando que a corrupção da natureza <i>não mais existe</i> no que crê em Cristo.</p>	
<p>6. É verdade que, quando os alemães eram argüidos sobre este capítulo, logo reconheciam (pelo menos muitos dentre eles), que “o pecado ainda permanece <i>na carne</i>, mas não <i>no coração</i>” do crente; e, algum tempo depois, quando se mostrou o absurdo de tal afirmativa, eles de pronto mudaram de tom, confessando que o pecado ainda permanece no que é nascido de Deus, embora não o domine.</p>	
<p>7. Mas os ingleses, que receberam dos morávios essa doutrina (alguns diretamente, outros de segunda ou terceira mão), não se mostraram prontos em romper com ela; e, mesmo quando muitos deles foram convencidos de que semelhante posição teológica seria insustentável, não se deixaram persuadir, mas, ao contrário, mantêm-na até hoje.</p>	
<p>II 1. Por amor dos que realmente temem a Deus e desejam conhecer a “verdade que há em Jesus”, não se pode levar a mal a consideração calma e imparcial do assunto. Fazendo isto, uso indiferentemente as palavras <i>regenerado</i>, <i>justificado</i> ou <i>crente</i>, uma vez que, embora não tenham rigorosamente o mesmo significado (a primeira implicando em mudança interna, atual; a segunda em mudança relativa; e a terceira no meio pelo qual ambas as mudanças operam), todavia elas vêm a ser uma e a mesma coisa, visto que aquele que crê é ao mesmo tempo justificado e nascido de Deus.</p>	
<p>2. Por pecado, aqui emprego a palavra no sentido de pecado interior; toda tendência pecaminosa, paixão ou afeição, tais como orgulho, obstinação, amor ao mundo, de qualquer espécie ou grau; cobiça, ira, impertinência; qualquer disposição contrária à mente que havia em Cristo.</p>	
<p>3. A questão não se refere ao pecado <i>exterior</i>, — se o filho de Deus o comete ou não. Todos concordamos e ardorosamente sustentamos que “o que comete pecado é do diabo”. Concordamos em que “qualquer que é nascido de Deus não comete pecado”. Também não perguntamos se o pecado interior permanecerá sempre nos filhos de Deus; se o pecado continuará na alma enquanto permanecer no corpo; nem ainda inquirimos se uma pessoa justificada pode recair, seja no pecado interior, seja no pecado externo; mas simplesmente queremos fixar esta questão: o homem justificado ou regenerado fica livre de todo pecado logo que se dá a justificação? Não há, pois, nenhum pecado em seu coração — nem haverá depois, a não ser que ele decaia da graça?</p>	
<p>4. Afiramos que o estado do homem justificado é indizivelmente grande e glorioso. Ele é renascido, não “do sangue, nem da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus”. É filho de Deus, membro de Cristo e herdeiro do Reino dos céus. “A paz de Deus, que excede a toda compreensão, guarda seu coração e mente em Cristo Jesus”. Seu corpo é “templo do Espírito Santo” e “habitação de Deus, pelo Espírito”. Ele é “criado de novo em Cristo Jesus”: <i>é lavado, santificado</i>. Seu coração é purificado pela fé; é lavado “de toda a corrupção que há no mundo”; “o amor de Deus é derramado em seu coração pelo Espírito Santo que lhe é dado”. E enquanto “anda em amor” (o que deve sempre fazer), presta culto a Deus em espírito e verdade. Guarda os mandamentos de Deus e faz as coisas que são agradáveis à sua vista, esforçando-se por “ter uma consciência livre de ofensa para com Deus e para com os homens”: e ele tem poder tanto sobre o pecado interior como sobre o pecado externo, desde o momento em que é justificado.</p>	

<p>III</p> <p>1. “Mas não foi libertado de todo pecado, deixando este de existir em seu coração?” Não posso dizer isto; não posso crê-lo, porque S. Paulo diz o contrário. Falava ele aos cristãos e, descrevendo o estado dos crentes em geral, diz: “A carne cobiça contra o espírito e o espírito contra a carne: estes são contrários um ao outro” (Gl 5.17). Nada pode ser mais claro. O apóstolo aí diretamente afirma que a carne, a natureza má opõe-se ao espírito, mesmo no caso dos crentes; que mesmo regenerados, há dois princípios “contrários um ao outro”.</p>	
<p>2. Ainda mais: quando escreve aos crentes de Corinto, aos que eram santificados em Cristo Jesus (1Co 1.2), diz: “E, irmãos, não vos pude falar como a espirituais, mas como a carnis, como a criancinhas em Cristo. Vós sois ainda carnis: porque, desde que há em vós inveja e contenda, não sois carnis?” (3.1-3). Agora, nesta passagem, o apóstolo fala aqueles que eram incontestavelmente crentes, aos quais ele, no mesmo instante, qualifica como seus irmãos em Cristo, sendo, todavia, em certa medida, carnis. Afirma que havia inveja (uma inclinação má), ocasionando lutas entre eles; e, apesar disto, não pronuncia sentença final, quanto a terem perdido a fé, nem manifestamente o apóstolo declara que eles não tivessem, porque então já não seriam “criancinhas em Cristo”. E, criancinhas em Cristo, como uma e a mesma coisa, plenamente mostrando que todo crente é (em certo grau), carnal, enquanto permanece na condição de – criancinha em Cristo.</p>	
<p>3. Na verdade, este grande ponto – a existência nos crentes de dois princípios contrários, a natureza e a graça, a carne e o Espírito, – mostra-se através de todas as epístolas de S. Paulo e mesmo através de todas as Santas Escrituras. Quase todas as direções e instruções nelas contidas fundam-se nesse pressuposto, apontando tendências más ou práticas errôneas na vida daqueles que, não obstante isto, são reconhecidos como crentes pelos escritores inspirados. E são constantemente exortados a lutarem contra aqueles males, vencendo-os pelo poder da fé que neles há.</p>	
<p>4. E quem pode duvidar de que houvesse fé no Anjo da Igreja de Éfeso, quando nosso Senhor lhe disse: “Conheço as tuas obras, e teu trabalho, e tua paciência, e que por amor de meu nome tens trabalhado e não tens desanimado”? (Ap 2.2-4). Mas não havia, apesar disto, pecado em seu coração? Certamente; senão Cristo não teria acrescentado: “Entretanto, tenho alguma coisa contra ti, porque deixaste teu primeiro amor”. Este era um pecado real que Deus viu em seu coração, pecado de que, conseqüentemente, é exortado a <i>arrepender-se</i>; e, depois de tudo isso, não temos autoridade para dizer que ele, o Anjo da Igreja, não tivesse fé.</p>	
<p>5. Também o Anjo da Igreja de Pérgamo é exortado a <i>arrepender-se</i>, o que implica em pecado, embora nosso Senhor expressamente diga: “Tu não negaste a minha fé” (versículos 13 e 16). E ao Anjo da Igreja de Sárdis ele diz: “Sê vigilante, e confirma o resto que estava para morrer”. O bem restante estava <i>para morrer</i>, mas ainda não estava morto (Cap. 3.2). Assim, nele havia ainda uma centelha de fé, o que torna compreensível o mandamento dado no sentido de <i>resistir</i> (versículo 3).</p>	
<p>6. Ainda mais: quando o apóstolo exorta os crentes a “purificar-se, <i>ipso facto</i>, de toda impureza?” De modo nenhum. Por exemplo: um homem me repreende asperamente: sinto ressentimento, que é uma nódoa do espírito; ainda que eu não pronuncie uma palavra denunciadora. Neste ponto, “eu me abstenho de toda aparência do mal”, mas isto não me purifica daquela mancha de espírito, como verifico, para <u>minha confusão</u>.</p>	
<p>7. E como a proposição segundo a qual “Não há pecado no crente, nem mente carnal, sem pendor para a apostasia” é contrária a Palavra de Deus, do mesmo modo se opõe à experiência de seus filhos. Estes continuamente sentem um coração tendendo para a rebeldia, uma inclinação para o mal, um forte pendor para se apartar de Deus e apegar-se às coisas da terra. Sentem diariamente o pecado que permanece em seu coração: - orgulho, obstinação, incredulidade, e do pecado que se apegam a tudo quanto dizem e fazem, mesmo a suas melhores ações e a seus deveres mais santos. Todavia, ao mesmo tempo “conhecem que são de Deus”: nem podem, por um momento sequer, duvidar disso. Sentem que o Espírito claramente testifica com seu espírito, que eles são filhos de Deus”; regozijam-se em Deus mediante Cristo Jesus, por quem receberam afinal a propiciação”. Deste modo, estão igualmente certos de que o pecado está neles e de que “Cristo é neles esperança da glória”.</p>	
<p>8. “Mas, pode Cristo estar no mesmo coração em que está o pecado?” Indubitavelmente, pode; de outro modo nunca poderia ser salvo dos pecados. Onde há doença, aia há necessidade de médico,</p>	

<p>“Prosseguindo nele sua obra, Lutando até que possa dominar o pecado”.</p>	
<p>Cristo, não pode, em verdade, <i>reinar</i> onde <i>reina</i> o pecado, nem <i>habitar</i> onde algum pecado <i>habita</i>. Mas Ele está no coração de todo crente e nesse coração <i>habita</i>, havendo aí combate ao pecado, posto não exista ainda purificação condizente com a limpidez do santuário.</p>	
<p>9. Já se observou que a doutrina oposta – que não há pecado nos crentes – é bastante nova na Igreja de Cristo: dela não se ouviu falar durante dezessete séculos, nem antes que fosse descoberta pelo Conde Zinzendorf. Não me lembro de ter encontrado o menor vestígio dessa doutrina, nem nos escritores antigos, nem nos modernos, a não ser, talvez, em algum extravagante declamador antinomiano. Ainda assim a questão, segundo os tais, se resolve numa alternativa entre <i>sim</i> e o <i>não</i>, já que reconhecem que há pecado na <i>carne</i> dos crentes, embora não haja em seu <i>coração</i>. Mas toda doutrina <i>nova</i> deve ser <i>errônea</i>, porque a <i>velha</i> religião é a única verdadeira; e nenhuma doutrina pode ser certa, se ela não for a mesma “que era desde o princípio”.</p>	
<p>10. Mais um argumento contra essa doutrina nova e antiescriturística pode-se retirar das conseqüências letais que dela decorrem. Se dizendo alguém: “Hoje estive irado”, eu me apressar em responder: – “Logo, não tens fé?”, o outro dirá: “Sei que tua conclusão é boa, mas meu querer é de todo oposto à ira”. Se eu insistir: “Então és um incrédulo, debaixo da ira e da maldição de Deus?” – qual será a natural conseqüência disto? Esta: se ele acreditar no que digo, sua alma não somente ficará conturbada e triste, mas talvez definitivamente destruída, tanto mais se ele “abandonar” aquela “confiança que possuía grande peso de recompensa”; e, tendo abandonado seu escudo, como poderá “apagar os dardos inflamados do maligno”? Como poderá vencer o mundo, visto que “esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé”? Fica ele desarmado em meio de seus inimigos, exposto a todos os seus assaltos. Que maravilha haverá, pois, se for definitivamente subjugado, e o levarem cativo à vontade, se cair de maldade em maldade, nunca mais contemplando o bem? Não posso, pois, de modo nenhum, receber essa asserção, segundo a qual não há pecado no crente, desde o momento em que ele é justificado: primeiro, porque é contrária a todo o teor das Escrituras; segundo, porque é contrária à experiência dos filhos de Deus; terceiro, porque é absolutamente nova, dela não se tendo ouvido falar no mundo até ontem; e, finalmente, porque dela decorrem as conseqüências mais desastrosas, não só afligindo àqueles a quem Deus não afligiu, mas talvez sepultando-os mesmo na perdição eterna.</p>	
<p>IV 1. Concedemos, entretanto, leal atenção aos principais argumentos dos que pretendem sustentar semelhante doutrina. É, em primeiro lugar, pelas Escrituras que eles intentam provar a não existência de pecado no crente, assim raciocinando: “As Escrituras dizem que todo crente é nascido de Deus, é puro, é santo, é santificado, é limpo de coração, tem um novo coração, é templo do Espírito Santo. Agora, como o “que é nascido da carne é carne”, é inteiramente mau, assim “aquele que é nascido do Espírito é espírito”, é totalmente bom. Mais: o homem não pode ser ao mesmo tempo puro, santificado, santo e impuro, impenitente e ímpio. Não pode ser puro e impuro, e ter simultaneamente um coração novo e um coração velho. Nem pode sua alma ser ímpia, sendo templo do Espírito Santo”.</p>	

<p>Apresentei esta objeção nos termos mais fortes, para que se possa evidenciar todo seu peso. Passemos agora a examiná-la parte por parte. 1) “O que é nascido do Espírito é espírito, é totalmente bom”. Reconheço o texto, mas não o comentário. Porque o texto afirma – que todo que é “nascido do Espírito” é um homem espiritual, - e não vai além. É espiritual, mas pode ser ou não ser totalmente espiritual. Os cristãos de Corinto eram homens espirituais: se assim não fora, não seriam cristãos de modo nenhum; todavia, não eram totalmente espirituais; eram ainda, em parte, carnis. – “Mas haviam decaído da graça”. São Paulo diz que não. Eles ainda eram criancinhas em Cristo. 2) “Mas o homem não pode ser puro, santificado, santo, e ao mesmo tempo impuro, impenitente e ímpio”. Em verdade, pode. Assim eram os coríntios: “Fostes lavados” – diz o apóstolo – “fostes santificados”, isto é, purificados de “adulterio, idolatria, bebedice” e todos os outros pecados externos (1Co 6.9-11); e ainda, ao mesmo tempo e em outro sentido da palavra, eram profanos; não estavam lavados, nem interiormente purificados de inveja, suspeita de mal, parcialidade. “Mas, certamente, não tinham ao mesmo tempo um coração novo e um coração velho”. Seguramente eles os tinham, porque exatamente naquele tempo seus corações estavam sendo <i>verdadeiramente</i>, ainda que não <i>inteiramente</i>, renovados. Sua mente carnal fora pregada na cruz, mas não fora totalmente destruída. “Mas podiam eles ser ímpios, sendo templos do Espírito Santo?” Sim. Que eles fossem templos do Espírito Santo, é certo (1Co 5.19); e é igualmente certo que eles eram, de algum modo, carnis, isto é, ímpios.</p>	
<p>2. “Entretanto, há mais uma passagem da Escritura que porá a questão fora de dúvida: “Se alguém é crente em Cristo, ele é uma nova criatura. As coisas velhas passaram; e eis que todas as coisas se fizeram novas” (2Co 5.17). Ora, certamente que o homem não pode ser ao mesmo tempo nova criatura e velha criatura. Pode, sim; pode ser parcialmente renovado, que é precisamente o caso dos de Corinto. Eles foram, indubitavelmente, “renovados no espírito de sua mente”, ou não poderiam chegar a ser “criancinhas em Cristo”; todavia, não possuíam toda a mente que houve em Cristo, uma vez que invejavam uns aos outros. Mas é declarado expressamente que “as velhas coisas passaram, e eis que tudo se fez novo”. Não temos necessidade de interpretar as palavras do apóstolo de modo a fazê-lo contraditório consigo mesmo. E, se o fizermos consistente consigo mesmo, com seu próprio ensino, a significação precisa de suas palavras será esta: seu velho conceito acerca da justificação, santidade, felicidade, e, numa palavra, no tocante às coisas de Deus em geral, passou; assim também passaram seus antigos desejos, desígnios, afeições, tendências e conversação. Todas essas coisas se tornaram realmente novas, grandemente mudadas em relação ao que eram antes; contudo, sendo novas, não são totalmente novas. Ainda ele sente, para sua tristeza e confusão, que algo permanece do velho homem, permanecem traços demasiadamente manifestos de seus primitivos pendores e afeições, embora estes não possam obter vantagem sobre sua alma, enquanto permanecer vigilante na oração.</p>	
<p>3. Todos estes argumentos: “Se ele é puro, é puro; se é santo, é santo”, e vinte outras expressões de igual sentido que facilmente se podem catalogar, não valem realmente mais do que qualquer jogo de palavras. E a falácia de deduzir do <i>particular</i> o geral, de inferir uma conclusão geral de premissas de ordem particular. Proposta toda a sentença, ela decorrerá assim: “Se ele é <i>santo</i>, é <i>totalmente</i> santo”. Isto, porém, não se verifica: toda criancinha em Cristo é santa; todavia, não é totalmente santa. É salvo do pecado, mas não inteiramente; o pecado <i>permanece</i>, embora <i>são reine</i>. Se pensas que ele não permaneça, (pelo menos nas “criancinhas”, quer se trate de jovens ou de adultos), decreto que não consideraste a altura, a profundidade, a largura e a espessura da lei de Deus, (mesmo da lei de amor, posta em relevo por S. Paulo no capítulo 13 da Epístola aos Coríntios), e que cada átnéá– falta de conformidade com esta lei ou desvio dela, – é <i>pecado</i>. Agora, no coração ou na vida do crente não há desacordo com essa lei? Que não o haja no cristão adulto, é outro caso; mas, quão ignorante da natureza humana há de se alguém, para que possa imaginar que isto se verifique em relação a cada criancinha em Cristo!</p>	
<p>4. “Mas os crentes andam segundo o Espírito” (Rm 8.1), e o Espírito de Deus habita neles; conseqüentemente, estão livres de culpa, do domínio do pecado, ou, numa palavra, – do pecado”.</p>	
<p>Estas coisas se apresentam reunidas, como se fossem de igual espécie; não são, contudo, a mesma coisa. A <i>culpa</i> é uma coisa, o <i>poder</i> outra e o pecado em <i>essência</i>, outra. Que os crentes estejam livres da <i>culpa</i> e do <i>poder</i> do pecado, concordamos; que estejam livres da <i>essência</i> do pecando, negamo-lo. Nem isso decorre de modo nenhum daqueles textos. O homem pode ter o Espírito de Deus habitado em si, pode “andar segundo o Espírito”, embora ainda sinta “a carne cobiçando contra o Espírito”.</p>	

<p>5. “Mas “a Igreja é o corpo de Cristo” (Cl 1.24); isto implica em serem todos os seus membros lavados de toda a impureza; de outro modo seguir-se-ia que Cristo e Belial se associam”. Segundo o mesmo argumento, de fato de “ainda sentirem, os que são o corpo místico de Cristo, a carne cobiçando contra o Espírito”, concluir-se-ia que Cristo tem qualquer aliança com o diabo e com o pecado, para cuja extirpação até a vitória Ele, justamente, fortalece os crentes.</p>	
<p>6. “Mas os cristãos não se chegam “à Jerusalém celestial”, onde “nada de impuro pode penetrar”? (Hb 12.:22). Sim, e em companhia de anjos inumeráveis e de espíritos de justos que se tornaram perfeitos, isto é,</p>	
<p>“A terra e o céu concordes, Tudo formando uma grande família”.</p>	
<p>E eles são do mesmo modo santos e sem mancha, enquanto “andam segundo o Espírito”, embora sentindo que, ao lado do bem, outro princípio há neles, sendo os dois “contrários um ao outro”.</p>	
<p>7. “Mas os cristãos são reconciliados com Deus. Ora, isto não se pode verificar, se a mente carnal permanecer; porque esta é inimidade contra Deus: conseqüentemente, nenhuma reconciliação pode efetuar-se, a não ser pela destruição integral da mente carnal”. Somos reconciliados com Deus pelo sangue da cruz: nesse momento o fronthma sarkov, a corrupção da natureza, que é inimidade para com Deus, é posta debaixo dos pés; a carne não mais tem domínio sobre nós. Ela, entretanto, ainda <i>existe</i> e <u>ainda é, por sua natureza, inimidade para com Deus, por isso que cobiça contra o Espírito.</u></p>	
<p>8. “Mas os que são de Cristo crucificaram a carne, com suas afeições e cobiças” (Gl 5.24). Assim fizeram, mas a carne permanece neles e sempre luta por se desprender dos braços da cruz. “Não, “eles sepultaram o homem velho com seus feitos” (Cl 3.9). Assim, é; é, neste sentido, “as coisas velhas passarem; eis que todas as coisas se fizeram novas”. Para esse mesmo efeito uma centena de textos poderíamos citar; e todos admitem a mesma resposta. “Mas, para dizer tudo numa palavra, “Cristo deu-se a si mesmo para a Igreja, para que fosse santa e sem defeito” (Ef 5.25 e 27). Assim será ela no fim: mas nunca chegou a sê-lo, desde seu começo até este dia.</p>	
<p>9. “Deixem, porém, que fale a experiência: todos os que são justificados alcançam ao mesmo tempo absoluto livramento de todo o pecado”. Duvido que seja assim; mas, se for, conservarão tal libertação de modo inquebrável? De outra forma nenhum proveito há. “Se não a conservam, é por sua própria culpa”. Esta conclusão fica de lado, à espera de provas.</p>	
<p>10. “Pela própria natureza das coisas, pode, entretanto, o homem ter orgulho em si mesmo e não ser orgulhoso; ter ira e não se irar”?</p>	
<p>O homem pode ter orgulho, pode pensar de si mesmo, em certo sentido, muito mais altamente do que deveria pensar (e vangloriar-se, deste modo, acerca das vantagens que sua ilusão lhe empresta), e ainda não ser orgulhoso em seu caráter geral. Pode abrigar em si a ira, e mesmo uma forte propensão para a cólera desabalada, sem dar, contudo, lugar a ela. “Mas podem a ira e o orgulho estar no coração em que <i>somente</i> a mansidão e a humildade deveriam manifestar-se?” Não; mas <i>algum</i> orgulho e <i>alguma</i> ira <u>podem estar no coração em que haja muita humildade e mansidão.</u></p>	
<p>“De nada vale dizer: “essas inclinações ali se encontram, mas não <i>dominam</i>”, porque o pecado, de qualquer espécie ou grau, não pode existir onde não lhe seja dado reinar, visto que a culpa e o poder são propriedades essenciais do pecado. Logo, onde um deles estiver, todos devem estar”.</p>	

<p>Maravilhoso, com efeito! “O pecado, de qualquer espécie ou grau, não pode <i>existir</i> onde ele não <i>reine</i>?” Isto é absolutamente contrário a toda experiência, a toda a Escritura e a todo o senso comum. O ressentimento deixado por uma afronta recebida é pecado; é anomia, — falta de conformidade com a lei do amor. Esse ressentimento tem existido em mim um milhar de vezes. Todavia, ele nem <i>reinou</i>, nem <i>reina</i>. “A culpa e o poder são, porém, propriedades essenciais do pecado; logo, onde um deles estiver, devem estar todos”. Não: no exemplo que coloquei diante de nós, se o ressentimento que sinto não for avante, nem por um momento, de modo algum haverá culpa, nem condenação da parte de Deus, por esse motivo. Neste caso, esse pecado não tem poder. “Embora ele cobice contra o Espírito”, não pode prevalecer. Neste, como em dez mil exemplos, há <i>pecado</i>, sem haver <i>culpa</i> ou <i>poder</i>.</p>	
<p>11. “Mas a suposição de pecado no crente é facunda em muitas coisas aterrorizantes e desanimadoras. Implica em disputa com um poder que domina nossas forças, sustenta a posse de nosso coração e aí prossegue no combatem desafiando o Redentor”. Não é assim: a suposição de que o pecado está em nós não implica em que ele domine nossas forças, como o homem crucificado não domina os que o crucificam. Ainda menos implica em que “o pecado mantenha usurpação de nossos corações”. O usurpador está destronado. Se permanece, com efeito, onde uma vez dominou, permanece <i>em cadeias</i>. Deste modo, até certo ponto, ele “prossegue na guerra”, embora cada vez se torne mais fraco, enquanto que vai o crente crescendo em forças, vencendo sempre para continuar a vencer.</p>	
<p>12. “Ainda não estou satisfeito: aquele que tem o pecado em si, é escravo do pecado. Assim, tu supões ser o homem justificado, enquanto é escravo do pecado. Agora, se concordas em que os homens possam ser justificados enquanto tem em si orgulho, ira ou incredulidade, ou se concordas que essas coisas existam (ao menos por algum tempo), em todos os que são justificados, que admiração pode causar o fato de termos tantos crentes orgulhosos, irascíveis e incrédulos?”</p>	
<p>Não suponho que homem algum, uma vez justificado, continue sendo escravo do pecado; entretanto, acredito que o pecado permaneça (ao menos por algum tempo), em todos os que são justificados.</p>	
<p>“Se o pecado permanece no crente, este é um pecador: se permanece o orgulho, por exemplo, então ele é orgulhoso; se voluntariamente, então ele é voluntarioso, obstinado; se descrença, então ele é incrédulo; conseqüentemente, não pode ser crente de modo nenhum. Em que, pois, difere ele dos incrédulos, dos não regenerados?” Ainda que temos simples jogo de palavras. Isto significa nada menos do que raciocinar: se nele há pecado, orgulho, obstinação, há, em conseqüência, pecado, orgulho, obstinação. E isto ninguém pode negar. Naquele sentido ele é orgulhoso ou obstinado, mas não o é no mesmo sentido que o são os incrédulos, isto é, <i>governados</i> pelo orgulho ou pela obstinação. Nisto ele difere dos não regenerados: estes <i>obedecem</i> ao pecado; aquele, não. A carne está em ambos: os incrédulos “andam segundo a carne”, o crente “anda segundo o Espírito”.</p>	
<p>“Como pode, entretanto, estar no crente a <i>incredulidade</i>?” Esta palavra possui dois sentidos: que dizer falta de fé ou, ainda, fé diminuta, ou seja <i>ausência</i> de fé ou <i>fraqueza</i> de fé. Na primeira acepção, a incredulidade não cabe no crente; na Segunda, encontra-se em todas as “criancinhas”. Sua fé se mistura comumente à dúvida a ao temor, isto é, no último sentido, à incredulidade. “Por que temeis – diz nosso Senhor – homens de pequena fé?” Mais: “Homens de pequena fé, por que duvidais?” Note-se que havia ali <i>incredulidade</i> em crentes: fé diminuta e incredulidade vultosa.</p>	
<p>13. “Mas esta doutrina, segundo a qual o pecado permanece no crente, podendo alguém estar na graça de Deus, tendo ao mesmo tempo o pecado em seu coração, certamente que se inclina para o incitamento dos homens ao pecado”. Compre-endida retamente a suposição, tais conseqüências dela jamais poderão advir. O homem pode estar na graça, embora sinta o pecado; poderá aquela condição somente se se submeter ao pecado. <i>Ter o pecado</i> em si não afasta o favor de Deus; afasta-o, porém, o <i>dar lugar</i> ao pecado. Embora em ti “cobice a carne contra o Espírito”, podes ainda ser filho de Deus; se, porém, andares “segundo a carne”, serás filho do diabo. Daí resulta que a doutrina em debate não incita à <i>obediência</i> ao pecado, mas leva o homem a resistir-lhe com todas as suas forças.</p>	

<p>V</p> <p>1. A conclusão de tudo quanto se disse é a seguinte: Há em toda pessoa, mesmo depois de ter sido justificada, dois princípios contrários – a natureza e a graça, que S. Paulo designa pelos nomes de <i>carne</i> e <i>espírito</i>. Daí resulta que, embora as criancinhas em Cristo sejam santificadas, elas o são somente em parte. Em certa medida, segundo a intensidade de sua fé, são espirituais; em outra medida, são carnis. Concordemente, os crentes são exortados à contínua vigilância contra a carne, assim como contra o mundo e o diabo. E com isto concorda a experiência constante dos filhos de Deus. Conquanto sintam em si mesmos esse testemunho, também sentem uma vontade não totalmente resignada à vontade de Deus. Sabem que estão em Deus; e ainda sentem possuir um coração pronto a separar-se dele; sentem, em muitos casos, um pendor forte para o mal e certa repugnância para todo o bem. A doutrina oposta é inteiramente nova: dela não se ouviu falar na Igreja de Cristo, desde o tempo de sua vinda ao mundo até os tempos do Conde Zinzendorf – e de tal doutrina decorrem as mais ruinosas conseqüências. Ela suprime toda vigilância sobre essa natureza pecaminosa, sobre a Dalila que nos disseram ter-se ido, embora ela ainda repouse contra nosso peito. Tal doutrina arrebatou o escudo aos crentes fracos, priva-os de sua fé e destarte deixa-os expostos a todos os assaltos do mundo, do diabo e da carne.</p>	
<p>2. Retenhamos, pois, a sã doutrina “uma vez entregue aos santos” e por estes ensinada, mediante a palavra escrita, a todas as gerações que as sucedem, - doutrina segundo a qual, apesar de sermos renovados, lavados, purificados, santificados, no momento em que verdadeiramente cremos em Cristo, ainda não somos renovados, lavados, purificados inteiramente; mas a carne, a natureza má, ainda <i>permanece</i> (embora subjugada), e luta contra o Espírito. Tanto quanto possível, usemos de toda diligência no “combater o bom combate da fé”. Cada vez mais ativamente, “vigie e ore” contra o inimigo interior. Tomemos com o maior cuidado “toda a armadura de Deus”, de modo que, embora “lutemos” ao mesmo tempo, “contra a carne e o sangue, e contra principados, poderes e espíritos depravados nos lugares elevados”, passemos “estar firmes no dia mau”, e, tendo feito tudo, permaneçamos firmes na fé.</p>	

QUESTIONÁRIO SOBRE O SERMÃO 13

- P. 1. (I. 1). Que se diz da importância dessa questão?
- P. 2. (I. 2). Essa doutrina foi discutida na Igreja primitiva?
- P. 3. (I. 3). Qual a citação que faz o pregador, da Igreja da Inglaterra?
- P. 4. (I. 4). Que se diz das Igrejas Gregas, Romanas e Reformadas da Europa?
- P. 5. (I. 4). A que extremos se levou a doutrina?
- P. 6. (I. 5). Como Zinzendorf fugiu a esses extremos?
- P. 7. (I. 6). Como alguns dos alemães modificaram sua doutrina?
- P. 8. (I.7). Qual a carreira continuada pelos morávios ingleses?
- P. 9. (II. 1). Como são usadas as palavras *regenerado justificado e crente*?
- P. 10. (II. 2). Que quer dizer Wesley pela palavra *pecado*, empregada na passagem em apreço?
- P. 11. (II. 3). Como se define a verdadeira questão?
- P. 12. (II. 4). Que se diz do estado de uma pessoa justificada?
- P. 13. (III. 1). Está ela livre de todo pecado?
- P. 14. (III. 2). Quais as citações que são feitas aí?
- P. 15. (III. 3). Que se diz dos dois princípios em conflito?
- P. 16. (III. 4). Que se diz da Igreja de Éfeso?
- P. 17. (III. 5). E da Igreja de Pérgamo?
- P. 18. (III. 6). Que se diz da exortação do apóstolo?
- P. 19. (III. 7). Que se diz da experiência dos cristãos?
- P. 20. (III. 8). Podem Cristo e o pecado estar no mesmo coração?
- P. 21. (III. 9). A doutrina de Zinzendorf é uma novidade?
- P. 22. (III. 10). Que outro argumento é usado?
- P. 23. (IV. 1). Qual é o primeiro argumento em defesa da doutrina de Zinzendorf?
- P. 24. (IV. 2). Que argumento se baseia na nova criatura em Cristo?
- P. 25. (IV. 3). Que argumento constitui mero “jogo de palavras”?

- P. 26. (IV. 4). Que argumento se funda em Romanos 8.1?
- P. 27. (IV. 5). Em Colossenses 1.24?
- P. 28. (IV. 6). Em Hebreus 12.22?
- P. 29. (IV. 7). Na reconciliação com Deus?
- P. 30. (IV. 8). Em Gálatas 5.24?
- P. 31. (IV. 9). Qual o argumento fundado na experiência?
- P. 32. (IV. 10). Que se diz do orgulho e da ira?
- P. 33. (IV. 11). Quais as conseqüências apontadas?
- P. 34. (IV. 12). Que outro argumento se apresenta?
- P. 35. (IV. 13). A verdade incita ao pecado?
- P. 36. (V. 1 e 2). Qual o resumo do argumento?